



## HEAVY METAL CRISTÃO: SACRALIZANDO O PROFANO OU PROFANANDO O SAGRADO?

---

Christian heavy metal: glorifying the profane or profaning the sacred?

Júlio César de Paula Brotto <sup>1</sup>

### Resumo:

Esse artigo traça um breve panorama do estilo musical Heavy Metal, na sua vertente cristã, entendido como uma manifestação atrelada às tribos urbanas de rosto *underground*, estereotipado em função de um latente dualismo entre o que se considera como música sagrada e música profana no protestantismo brasileiro. Propõe que o estilo musical, ainda que não compreendido pelo Protestantismo Brasileiro, influencia amplamente o cenário juvenil. Ainda aponta a necessidade de mudança de posicionamento do Protestantismo Brasileiro em relação ao estilo musical, evitando radicalizar ainda mais o dualismo sagrado e profano, admitindo esta nova forma de vivenciar a experiência Cristã.

### Palavras-chave:

Heavy Metal. Tribos Urbanas. *Underground*. Sagrado. Profano.

### Abstract:

This article provides a brief overview of the musical style Heavy Metal, in its Christian dimension, understood as a demonstration linked to underground urban tribes, stereotyped in a latent dualism between what one considers as sacred music and profane music in Brazilian Protestantism. It proposes that the musical style, although not understood by Brazilian Protestantism, widely influences the juvenile setting. It also points to the need for change of positioning of Brazilian Protestantism in relation to this musical style, to avoid further radicalization between the sacred and profane dualism, admitting this new way of living out the Christian experience.

### Keywords:

Heavy Metal. Urban Tribes. Underground. Sacred. Profane.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. Bolsista CAPES. Vitória, Espírito Santo, Brasil. Contato: julio.brotto@hotmail.com

## Introdução

O cristianismo sempre despertou sentimentos religiosos que se expressam artisticamente de muitas formas. As expressões artístico-musicais, surgidas da intenção de cultuar ou adorar a Deus, instituíram uma espécie de repertório específico, que passou a ser denominado de música sacra em contraposição à música profana. As fronteiras, entre o que pode ser considerado música sacra e música profana, sempre foram muito tênues e comprometidas por um dualismo agudo que influenciou o cristianismo de maneira geral.

O protestantismo brasileiro, de maneira muito específica, também foi influenciado por este dualismo, o sagrado *versus* o profano. Esse dualismo em relação à música pode ser notado, também na contemporaneidade, em virtude de questionamentos e posicionamentos sempre recorrentes no âmbito do protestantismo brasileiro sobre como qualificar o que pode ou não pode ser considerado litúrgico; o que é adequado ou inadequado para louvar ou adorar a Deus, que tipo de estilo musical é sagrado ou profano.

A humanidade experimenta um evento histórico que não pode ser considerado, nem comum, nem incomum na sua história. A humanidade experimenta atualmente uma mudança de época. Não apenas uma época de mudanças aceleradas, mas uma mudança generalizada que afeta a vida como um todo. Não é um evento incomum, porque a humanidade já experimentou mudança de época noutras ocasiões. Não é um evento comum, porque uma mudança de época não ocorre com frequência. De forma muito sintética, é possível afirmar, que a passagem do período medieval para o período moderno, nos séculos 15 e 16, foi a última ocasião que o Ocidente experimentou uma efetiva mudança de época.

Agora, na passagem do período moderno para um novo período histórico, essa mudança de época tem sido nomeada de variadas formas. Esse novo período histórico, ainda de alguma forma vinculado à Modernidade, é nomeado a partir de critérios de definição da própria Modernidade. Pós-modernidade tem sido o termo mais comum para descrever esta mudança de época. Pós-Modernidade é hoje quase um chavão, que pode significar muitas coisas diferentes e até mesmo antagônicas. O termo foi popularizado pelo sociólogo Zygmunt Bauman.<sup>2</sup>

As variadas compreensões acerca desta mudança de época que a humanidade vive apresenta uma época de incertezas que afeta a maneira como a humanidade lida com valores, costumes, tradição e crenças, anteriormente entendidos como estáveis, imutáveis, aparentemente eternos, e que impulsionavam a humanidade para o futuro. Não se pode falar mais de um pensamento único. Há diferentes diagnósticos e diferentes interpretações sobre esta mudança de época. O pluralismo contemporâneo promove a noção de que diferentes grupos possuem diferentes visões de mundo, sendo que nenhuma delas pode se julgar superior ou inferior às outras.

Esse momento de mudança de época é possível afirmar que as transformações sociais vividas pela humanidade derivam, em boa parte, do processo denominado de globalização. A globalização é parte desta mudança de época. A globalização afeta todas as dimensões da existência humana. Este fenômeno caracterizado pelas relações econômica, comercial e de

---

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

comunicação, entre os diversos países do mundo, gera continuamente outros processos, dentre os quais uma aguda urbanização.

Por sua vez, o fenômeno da urbanização desencadeou uma situação de pertencimento variado: local de residência, local de trabalho, local de estudo, local de lazer, local de consumir etc. Os seres humanos habitam espaços descontínuos e múltiplos. O sentido ou sentimento de pertença do ambiente usualmente chamado de rural - população, território, comunidade - perdeu-se na realidade dinâmica da lógica urbana das cidades.<sup>3</sup> O fenômeno da urbanização está diretamente relacionado, num primeiro momento, ao crescimento demográfico. O aumento populacional das cidades e o estabelecimento de áreas urbanas agudas chama a atenção de estudiosos pelo mundo todo.

A urbanização é um marco significativo também no Brasil. O Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostra que a população brasileira está mais urbanizada que há 10 anos. Em 2000, 81% (oitenta e um por cento) dos brasileiros viviam em áreas urbanas, agora são 84% (oitenta e quatro por cento).<sup>4</sup> As regiões metropolitanas crescem consideravelmente, estendendo-se por dimensões extensas, com aglomerados urbanos muitas vezes sem nenhuma infraestrutura. Nestes aglomerados urbanos encontramos pessoas em busca de casa, emprego e condições dignas de vida. São pessoas em busca de pertencimento.

Em meio a estas pessoas, encontram-se aquelas, que ao buscarem se diferenciar das demais, identificam-se com seus pares, reunindo-se em grupos que partilham peculiaridades comportamentais e estéticas. O sociólogo Michel Maffesoli<sup>5</sup> utilizou a metáfora “tribos urbanas” para identificar essas formas de associação entre indivíduos na sociedade denominada pós-moderna. Neste sentido, “tribos urbanas” são especificamente microgrupos, entendidos como um tipo de comunidade emocional: grupos de afinidade, interesses, laços de vizinhança, transitórios, localizados em região específica, sem uma organização funcional. Geralmente são diferenciadas em função de seu modo de vestir, de falar, por suas posturas ideológicas, políticas, culturais e até mesmo religiosas.

De certa forma as “tribos urbanas” emergem como um reflexo da globalização das sociedades contemporâneas, que provoca uma urbanização aguda. Algumas destas “tribos urbanas” são denominadas de *underground*<sup>6</sup>, em função de afastarem-se da cultura dominante em busca de uma cultura alternativa. Algumas “tribos urbanas” aceitam o rótulo *underground*, entendido como um conjunto de práticas discursivas e sociais, presentes no consumo e na valorização de uma produção alternativa na música, na literatura, no cinema, nas artes plásticas e no esporte. Assim marcam sua presença na cultura contemporânea opondo-se à cultura dominante.

Também marcam sua presença em oposição ao protestantismo brasileiro ao rejeitarem este modelo protestante e criarem formas alternativas de igrejas onde a música aparece como um dos principais fatores de coesão dos grupos e instrumental para evangelização. Em geral o estilo musical é o *heavy metal*, revestido de uma mensagem cristã. Como caracterizar a música

---

<sup>3</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

<sup>4</sup> IBGE. *Primeiros resultados definitivos do Censo 2010*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1)>. Acesso em: 02 nov. 2011.

<sup>5</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

<sup>6</sup> Estilo ou modo de vida de grupos ou indivíduos que contestam o *status quo* da sociedade em prol da construção de uma cultura alternativa dissociada da cultura dominante e são reconhecidos desta forma pela sociedade.

proveniente das “tribos urbanas” de rosto *underground*: “música sacra” ou “música profana”? No caso específico deste artigo, como classificar o estilo musical *heavy metal*: sagrado ou profano? Para trilhar este caminho será necessário situar o leitor sobre o protestantismo brasileiro, as “tribos urbanas”, o *underground*, o *heavy metal*, e o dualismo sagrado e profano.

### Identificando o Protestantismo Brasileiro

Existem muitas tipologias para o protestantismo brasileiro. Não é pretensão deste artigo, analisar amplamente o protestantismo brasileiro, mas indicar uma classificação geral apenas como ponto de referência. O Protestantismo Histórico de Migração tem suas raízes na Reforma do século XVI e vem para o Brasil junto como processo de migração no século XIX e não apresenta uma mensagem missionária vinculada à conversão das pessoas. É representado pelas igrejas Luteranas, Anglicana e Reformada. O Protestantismo Histórico de Missão, vinculado à Reforma do século XVI, é trazido ao Brasil por missionários norte-americanos no século XIX. As igrejas Congregacional, Presbiterianas, Metodista, Batista, e Episcopal podem ser elencadas neste grupo. O Pentecostalismo Histórico, de raízes nas confissões históricas da Reforma, chega ao Brasil no início do século XX. Neste grupo estão as Igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Evangelho Quadrangular. O Protestantismo de Renovação ou Carismático surgiu em função das divisões das chamadas “igrejas históricas”. É formado pelas Igrejas Metodista Wesleyana, Presbiteriana Renovada e Batista de Renovação. O Pentecostalismo Independente não mantém vínculos com a Reforma do século XVI. É gerado a partir de divisões teológicas ou políticas nas “denominações históricas” na segunda metade do século XX. Algumas igrejas são: Deus é Amor, Brasil para Cristo, Casa da Bênção e Universal do Reino de Deus. O Pentecostalismo Independente de Renovação aparece no final do século XX ganhando notoriedade no início do século XXI. Compõem este grupo a Renascer em Cristo, Comunidades Evangélicas, Sara a Nossa Terra, Mundial do Poder de Deus, Bola de Neve, dentre outras.<sup>7</sup>

Algumas igrejas que se declaram *underground* surgiram a partir de algum vínculo com o protestantismo brasileiro. Metanóia no Rio de Janeiro, Caverna de Adulão em Minas Gerais, *Crash Church Ministry* em São Paulo e Milícia no Espírito Santo<sup>8</sup>, apenas para citar algumas como exemplo. De maneira geral entendem-se como cristãos, ainda que em seus nomes isto não apareça de forma clara; não se identificam como protestantes, ainda que se perceba um claro protesto contra o *status quo* principalmente das demais igrejas protestantes; não se declaram evangélicos, ainda que proclamem o evangelho de Jesus. Geralmente a música é o preponderante nas chamadas cenas *underground* destas igrejas. De forma bem generalizada o estilo musical é o *rock* em seus variados contornos e desdobramentos. No caso deste artigo o *rock* na sua vertente *heavy metal*.

### Identificando as “tribos urbanas”

A geração jovem, vinculada às culturas urbanas, tem sido comumente designada pela expressão “tribos urbanas”. O termo tribo urbana foi criado pelo sociólogo francês Michel

---

<sup>7</sup> Para uma tipologia completa sobre o protestantismo veja CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Mysterium, 2007.

<sup>8</sup> Para uma lista completa das igrejas e ministérios específicos que se denominam *underground* visite a página da internet do Tribal Generation.

Maffesoli. Segundo Maffesoli, as “tribos urbanas” são “diversas redes, grupos de afinidade e interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles.”<sup>9</sup> Micro grupos nascidos em função da massificação das relações sociais individualizadas, aparência física, usos do corpo e do vestuário, que mediante uma proposta de sociabilidade, visam contrapor o individualismo do mundo contemporâneo.

É fundamental destacar que o termo é polêmico. O termo tribo urbana suscita muitas polêmicas entre os cientistas sociais, embora seja largamente usado pelos meios de comunicação social para designar a emergência de microgrupos, principalmente juvenis, nas metrópoles.<sup>10</sup> O uso corriqueiro do termo “tribos urbanas” apresentado de forma corrente pelas pessoas e pela mídia é no mínimo ambíguo. O termo “tribo”, em seu domínio original, a etnologia, foi utilizado pela antropologia para descrever a organização de sociedades que se constituíram em objetos de estudo. Deslocou-se o termo originariamente utilizado para designar pequenos grupos bem demarcados, com regras e costumes específicos, para indicar um estilo de vida homogêneo e massificado das grandes cidades. As “tribos urbanas” de rosto *underground* estão inseridas nesta herança cultural produzida pela globalização e urbanização.

### Identificando o *underground*

O Dicionário Aurélio *online* define *underground* como “substantivo masculino de origem inglesa que significa: movimento, organização ou atividade subterrânea que funciona secretamente, e em geral tem por fim solapar ou destruir autoridade estabelecida ou forças inimigas que ocupam um território”.<sup>11</sup> O termo *underground* é geralmente associado à contracultura e confundem-se muitas vezes.

[...] deslizando pela superfície da ilegitimidade, o ‘irracional’, o instintivo, o intuitivo, o sensorial, o místico etc., se cruzaram e se enfeixaram, nos anos sessenta, ganhando o nome de contracultura ou de *underground*, isto é, subterrâneo.<sup>12</sup>

Os anos de 1950 foram marcados pelo surgimento do estilo musical *rock’n roll*. Este estilo musical passou a expressar o descontentamento e rebeldia dos jovens, tornando indissociáveis o comportamento e a música.

O rock cativava um público jovem que começava a fazer desse tipo de música a expressão de seu descontentamento e revolta. É a chamada juventude transviada [...] Já começava a delinear-se uma consciência etária alimentando a oposição jovem/não jovem.<sup>13</sup>

Larry Normam, um cantor norte americano, compunha *rock* e *blues* com mensagens cristãs. Muitos jovens “converteram-se” ao cristianismo no auge da revolução *hippie* que marcou

---

<sup>9</sup> MAFFESOLI, Michel. 1988. p. 70.

<sup>10</sup> PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. “tribos urbanas”: produção artística e identidades. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004. p. 216.

<sup>11</sup> DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em:

<<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

<sup>12</sup> CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground* através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009. f. 13.

<sup>13</sup> CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. 2. ed., São Paulo: Senac, 2000. p. 32.

os anos de 1960. No final daquela década o *Jesus Revolution* ocorreu simultaneamente em diversas partes do mundo. Milhares de jovens, nas ruas, nas comunidades alternativas, por si mesmos, sem a participação das lideranças das igrejas, sem existir um projeto de evangelização específico e voltado para alcançá-los, entenderam que Jesus era a resposta para suas vidas.

A conversão em massa dos *hippies* desencadeou uma onda de atenção por parte da mídia e da Igreja. A revista *Time* de 03 de agosto de 1970 apresentou um artigo sobre os jovens cristãos de rua sob o título: *Street Christians: Jesus as the Ultimate Trip*.<sup>14</sup> A capa da revista *Time* de 21 de junho de 1971 estampava: *The Jesus Revolution*.<sup>15</sup> O artigo referência para a capa foi intitulado *The New Rebel Cry: Jesus Is Coming!*.<sup>16</sup>

O *Jesus Movement* começou na costa leste do EUA no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, espalhando-se pela América do Norte e Europa. Os membros do movimento foram chamados de *Jesus People*, ou *Jesus Freaks*, designação pejorativa, logo abraçada por muitos para descrever uma contracultura de caráter cristão. O movimento é ao mesmo tempo configurado como contracultural ou *underground*, mas em certo sentido, assume uma posição antagônica em alguns aspectos da contracultura. Na adoção dos princípios de autoridade e submissão à Bíblia o movimento assume sua característica distintiva da contracultura.

### Identificando o *Heavy Metal*

Não existe consenso sobre a origem da expressão *heavy metal*. A designação *heavy metal* está ligada à área militar e aos elementos químicos da tabela periódica. Relacionado ao estilo musical existem diversas origens estabelecidas a partir daqueles que advogam o direito da criação do termo. O *heavy metal* surge no início da década de 1970, período de efervescência juvenil eivado de desencanto com a sociedade, opressão por parte dos líderes políticos, num mundo em crise.<sup>17</sup>

Há uma relação entre o estilo musical *heavy metal* e o caso do trítono. O trítono é um intervalo de três tons. Na Idade Média, o trítono gerou um problema moral, metafísico e musical. Não era permitido usar esse intervalo de tons, considerado diabólico, tendo sido designado de o *diabolus in musica*.<sup>18</sup> Na escala do blues, o trítono, também designado com tritão, é chamado de “nota do diabo”.

Raul Seixas compôs em parceria com Paulo Coelho nos anos de 1970 a música intitulada *Rock do diabo* onde ele afirma que “o diabo é o pai do rock”. Em muitos contextos protestantes no cenário brasileiro essa afirmação virou verdade absoluta e inquestionável. A partir destas concepções criou-se uma percepção do *heavy metal* sob a égide do mal, da malignidade, do próprio diabo.

O estilo musical *heavy metal* em sua roupagem religiosa cristã sempre enfrentou

---

<sup>14</sup> Street Christians: Jesus as the ultimate trip. *Time*. v. 96, n. 5. 03 ago. 1970. Disponível em: <<http://www.time.com/time/printout/0,8816,876689,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

<sup>15</sup> The Jesus revolution. *Time*. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/covers/0,16641,1101710621,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

<sup>16</sup> The new rebel cry: Jesus is coming! *Time*. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,905202,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

<sup>17</sup> Uma análise completa da origem do *heavy metal* pode ser encontrada em: JANOTTI Jr. Jeder. *Heavy Metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: E.Papers. 2004.

<sup>18</sup> Uma abordagem histórica de como um acorde musical causou tamanho equívoco pode ser encontrado em: WISNIK José Miguel. *O som e o sentido*. Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

polêmicas pelo seu estreito relacionamento e coexistência entre o sagrado e o profano musical. Também denominado de Metal Cristão, *Christian Metal* ou *White Metal* basicamente por causa das mensagens cristãs, é fato incontestável que esse estilo musical vem influenciando a religiosidade juvenil daqueles vinculados às “tribos urbanas” de rosto *underground*.

### Identificando o sagrado e o profano

As reflexões sobre o sagrado e o profano, desde a antiguidade, refletem como a humanidade convive com as diversas maneiras de interpretar sua existência. Intelectuais das diferentes áreas do conhecimento revisitaram essa temática e propuseram novas abordagens, em busca da superação das respostas tradicionais, construindo diversas possibilidades de compreender e apreender a presença e o significado do sagrado e do profano.

No século XX Émile Durkheim, Rudolf Otto, Mircea Eliade e Roger Caillois desenvolveram o conceito de sagrado em contraposição ao conceito de profano. Em relação ao profano e ao sagrado, ambos são “necessários ao desenvolvimento da vida: um como meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, que a mantém, que a renova”.<sup>19</sup>

Há uma tênue fronteira entre o sagrado e o profano neste universo do metal cristão. Poderia ser afirmado que ocorre ao mesmo tempo uma profanação do sagrado e uma sacralização do profano. Nessa economia musical religiosa contemporânea de fronteiras fluidas, o dualismo sagrado *versus* profano se entrelaça, se justifica e se constitui de um caráter de proclamação do evangelho para um segmento de pessoas que dificilmente adeririam ao contexto tradicional do protestantismo brasileiro.

### Considerações Finais

As “tribos urbanas” dos dias de hoje nem de longe causam o impacto que os movimentos dos anos de 1960 tiveram ao revolucionar a cultura e contestar o sistema mundial, como por exemplo, em sua luta contra as guerras. Tenho a impressão que o poema *Howl (Uivo ou grito)*<sup>20</sup> de Allen Ginsberg<sup>21</sup> continua atual e dramático, ao mesmo tempo que se completa perfeitamente com a canção *God*<sup>22</sup> de John Lennon sobre o fim do sonho.

Porém, quais são os gritos ou uivos das “tribos urbanas” contemporâneas, de rosto *underground* que a igreja protestante brasileira não é capaz de ouvir? Será que as Igrejas Cristãs, vinculadas ao protestantismo brasileiro, se dão conta de que estas “tribos urbanas” do século 21 continuam a gritar como as gerações jovens anteriores? Que respostas estarão dispostas a dar? Estarão prontas e preparadas para caminhar a segunda milha proposta por Jesus em Mateus 5.41?

Resguardadas as circunstâncias históricas ocorre com o *heavy metal* cristão o que ocorria nos tempos de Martinho Lutero. Utilizou do contexto cultural em que vivia recursos para penetrar nas vidas das pessoas através da música.

Canções de rua, canções de cavaleiros, canções montanhesas, transformadas em canções cristãs e morais para fazer desaparecer com o tempo o mau hábito que se tem de cantar

<sup>19</sup> CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 1963. p. 22.

<sup>20</sup> Theodore Roszak considera o poema de Allen Ginsberg como o documento de fundação da contracultura. Cf. ROSZAK, 1972. p. 76.

<sup>21</sup> GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. 2. ed., Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25-34.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/john-lennon/79778/traducao.html>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

cançonetas ligeiras nas ruas, nos campos e em casa, substituindo-as pelos belos textos espirituais e honestos que aqui se encontra.<sup>23</sup>

Lutero não se preocupou em criar um estilo musical apropriado ao contexto eclesiástico. Utilizou os estilos musicais próprios da cultura de sua época adaptando-os ao contexto eclesiástico sem que fossem entendidos como contraditórios, nem enfatizou um dualismo entre sagrado e profano. Pode ser dito o mesmo de compositores eruditos como Johann Sebastian Bach que assinava todas as suas obras com as letras “S.D.G.” – *Soli Deo Gloria*, pois não fazia diferença se a obra fosse para o ofício religioso ou para homenagear uma pessoa, por exemplo, um príncipe. A música era entendida como presente divino.

Considerando o relato de Marcos 9 e Lucas 9 acerca de um homem que expulsava demônios e seus discípulos proibiram que o fizesse porque não seguia a Jesus, podemos fazer o mesmo paralelo em relação ao estilo musical *heavy metal*, e ouvir as mesmas palavras de Jesus: “Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós” (Lucas 9.50).

Diante do exposto, cabe ao protestantismo brasileiro, refletir sobre sua postura ainda resistente ao estilo musical *heavy metal*, em sua vertente cristã, e entender que as mudanças enfrentadas pela juventude contemporânea brasileira, inserida num contexto urbano agudo, nesta mudança de época, produz novas formas de experienciar o sagrado.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRAGA, Henriqueta R. F. *Do coral e sua projeção na história da música*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1958.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 1963.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)*. Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. 2. ed., São Paulo: Senac, 2000.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Mysterium, 2007.

---

<sup>23</sup> BRAGA, Henriqueta R. F. *Do coral e sua projeção na história da música*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1958. p. 19.



DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em:

<<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. 2. ed., Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25-34.

IBGE. *Primeiros resultados definitivos do Censo 2010*. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1)>. Acesso em: 02 nov. 2011.

JANOTTI Jr. Jeder. *Heavy Metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: E.Papers. 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. “*tribos urbanas*”: produção artística e identidades. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004. p. 216.

Street Christians: Jesus as the ultimate trip. *Time*. v. 96, n. 5. 03 ago. 1970. Disponível em:

<<http://www.time.com/time/printout/0,8816,876689,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

The Jesus revolution. *Time*. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em:

<<http://www.time.com/time/covers/0,16641,1101710621,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

The new rebel cry: Jesus is coming! *Time*. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em:

<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,905202,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

WISNIK José Miguel. *O som e o sentido*. Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.